

### 3- O corpo entre sonoridades e espacialidades: uma experiência musicoterapêutica em academias de ginástica - Fernanda Valetin/GO,<sup>16</sup> Leomara Craveiro de Sá/GO,<sup>17</sup> Márcio Pizarro Noronha/GO.

RESUMO: Na atualidade percebe-se, cada vez mais, a valorização do corpo como forma de construção subjetiva e identitária. As academias de ginástica apresentam-se como o espaço em que as pessoas buscam, por razões diversas, trabalhar seus corpos. Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa já concluída, cujo caráter qualitativo, empírico, possibilitou estabelecer interfaces entre matrizes antropológicas com observações de campo, considerando-se o tripé: som-música-corpo. Seu objetivo é promover uma reflexão sobre a corporeidade e as sonoridades vinculadas a esses espaços de culto ao corpo, e mostrar como a Musicoterapia pode ser inserida nesses contextos. Este estudo resalta a necessidade de se investir cada vez mais em settings itinerantes de Musicoterapia, considerando-se os diferentes níveis de aplicação desta terapêutica, estes relacionados ao seu caráter ético-estético e às suas múltiplas formas de criação. Para o desenvolvimento de um trabalho de Musicoterapia em academias de ginástica há que se avaliar e considerar o tipo de clientela, o nível mais adequado de terapia e, como ponto em relevância nesta pesquisa, a concepção de saúde que sobressai no grupo e que vigora no estabelecimento. É uma realidade incontestável que as academias utilizam a música intensamente, porém, de forma indiscriminada. Diante disso, verificou-se a necessidade de se buscar a inserção do profissional musicoterapeuta nesses espaços, devido, principalmente, à sua formação diferenciada e transdisciplinar que o habilita a adequar e/ou organizar o trabalho com a música nesses espaços, potencializando os resultados.

Palavras-Chave: Musicoterapia; Academia de Ginástica; Corpo; Sonoridades.

<sup>16</sup> Musicoterapeuta; Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG; Professora do Curso de Graduação em Musicoterapia da UFG. Pesquisadora vinculada ao NEPAM – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Atendimentos em Musicoterapia da UFG/CNPq. Atua principalmente nas seguintes áreas: Educação; Educação Social, Organizacional e Saúde Mental (Autismo). Email: nandavalentin@hotmail.com.

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4138799U6>.

<sup>17</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica/PUC-SP; Professora-pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Música; Conselheira no Conselho Estadual de Educação do Estado de Goiás; Musicoterapeuta Clínica. E-mail: leomara.craveiro@gmail.com

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4708886E6>

### 4- Musicoterapia para crianças com deficiências múltiplas: possibilidades na prática clínica - Gustavo Schulz Gattino/RS,<sup>18</sup> Lucas Medeiros Sorrentino/RS,<sup>19</sup> Gustavo Andrade de Araújo/RS<sup>20</sup>

#### RESUMO

O atendimento de crianças com deficiências múltiplas surge como um novo campo de atuação em Musicoterapia, especialmente no âmbito da educação. Este artigo apresenta aspectos importantes dessa prática. Concluindo, se sugere que a Musicoterapia faça parte do plano pedagógico de uma escola e que o musicoterapeuta integre a equipe interdisciplinar de profissionais da escola.

Palavras-chave: musicoterapia, deficiências múltiplas, escola

#### ABSTRACT

The care of children with multiple disabilities is a new field of action in Music Therapy, especially in education. This article presents important aspects of this practice. In conclusion, it suggests that the Music Therapy is part of the teaching plan of a school and that he integrate the interdisciplinary team of professionals in the school.

Key-words: music therapy, multiples disabilities, school

#### 1 INTRODUÇÃO

A clínica musicoterapêutica atua tradicionalmente no tratamento de diferentes tipos de deficiências: física, visual, auditiva e mental (MICHEL & PINSON, 2005). Contudo, existem poucos registros sobre Musicoterapia para indivíduos com mais de uma deficiência ou com severos prejuízos de funcionamento.

Esta prática profissional tem sido desenvolvida no Brasil nos últimos anos, inclusive no âmbito educacional. Nesse contexto, a Musicoterapia auxilia na busca dos objetivos pedagógicos propostos pela escola para que cada aluno alcance as suas habilidades e competências não apenas pela prática aluno-professor.

<sup>18</sup> Musicoterapeuta graduado no Instituto Superior de Música de São Leopoldo, RS. Atualmente, é estudante do programa de mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: gustavogattino@terra.com.br

<sup>19</sup> Graduando em Musicoterapia pelo Instituto Superior de Música de São Leopoldo, RS. Email: lucas.sorrentino@gmail.com

<sup>20</sup> Musicoterapeuta graduado no Instituto Superior de Música de São Leopoldo, RS. Atualmente, é estudante do programa de mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: mtgustavoaraujo@gmail.com

## 2 Deficiências Múltiplas

A definição atualmente utilizada para descrever as deficiências múltiplas é organizada da seguinte forma: deficiências múltiplas se fundamentam no nível de desenvolvimento, nas possibilidades funcionais e comunicativas, na interação social e na capacidade de aprendizagem; não é, portanto, apenas o conjunto de alterações físicas, sensoriais e mentais. (MEC, 2002).

## 3 Musicoterapia e Deficiências Múltiplas

De maneira sintética, a Musicoterapia no campo das deficiências múltiplas visa o estabelecimento de melhores formas de comunicação, interação social, aprendizagem, elevação da auto-estima, habilitação e reabilitação de funções sensório-motoras (GATTINO, 2008).

Não existem métodos ou metodologias específicas de Musicoterapia para atender pessoas com deficiências múltiplas. Alguns musicoterapeutas adaptam abordagens de outras disciplinas para aplicar no seu fazer musicoterapêutico. Como exemplo, cabe citar o uso da metodologia de Van Dijk em Musicoterapia (OLIVEIRA, 2008).

Optou-se neste escrito pela discussão de dois temas estruturais da Musicoterapia inserida no contexto escolar para crianças com deficiências múltiplas: a condução do processo musicoterapêutico e a adaptação de instrumentos musicais.

### 3. 1 A Condução do Processo Musicoterapêutico

O musicoterapeuta pode conduzir o processo de duas formas distintas, centrado nas ferramentas musicoterapêuticas (música, voz, sons e instrumentos musicais) e centrado na relação aluno-musicoterapeuta. Não há uma distinção sobre qual das conduções é mais efetiva. Todavia, elas podem ser mais adequadas de acordo com o aluno ou com a situação clínica vivenciada. No contexto escolar, a opção pelo tipo de processo resulta em diferentes formas para buscar os objetivos pedagógicos pretendidos.

De forma resumida a descrição de cada uma é seguinte:

Processo centrado nas ferramentas: o musicoterapeuta usa suas ferramentas para produzir algum tipo de efeito no aluno, procurando modificar as distintas habilidades e capacidades do sujeito. Há uma preocupação em usar ferramentas específicas para conseguir algum tipo de resultado no setting (BRUSCIA, 2000).

No contexto escolar, a opção pelo tipo de processo resulta em diferentes formas de como de buscar os objetivos pedagógicos pretendidos

Processo centrado na relação aluno- musicoterapeuta: o aluno é o principal responsável pela condução das atividades e vivências. O musicoterapeuta recebe o papel de facilitador das vivências e dinâmicas, promovendo no indivíduo uma resignificação das suas próprias dificuldades frente a situações, pessoas e limitações físicas e mentais. As atividades realizadas são apenas um meio periférico para a resolução da problemática do aluno (GALLARDO, 2007).

Especialmente em alunos com prejuízos sensório-cognitivos (alunos com

deficiência mental e deficiência visual, por exemplo), há uma preocupação em utilizar ferramentas que possibilitem uma abertura de canais de comunicação. O musicoterapeuta pode utilizar um instrumento musical que facilite a percepção do aluno; pode usar uma canção ou som que direcione a atenção do aluno.

No atendimento de alunos com impedimentos menores, o processo de relação aluno-musicoterapeuta se torna mais viável (CABRERA, 2008). A condução do processo deve focar os elementos que impedem o desenvolvimento do indivíduo em busca de uma melhor qualidade de vida. Como exemplo, um aluno com deficiência mental e hemiparesia pode precisar de um suporte do musicoterapeuta por suas dificuldades de relação com a mãe. Ou seja, o foco não está presente no desenvolvimento das suas habilidades físicas e mentais, conseqüentes da patologia de base. De certa maneira, a resolução do conflito com a mãe poderia proporcionar um impacto no funcionamento das habilidades motoras e mentais do indivíduo, entretanto, não é uma regra.

### 3. 2 Adaptação de Instrumentos Musicais

Ao contrário do tema anterior, geral e conceitual, a adaptação de instrumentos é essencialmente prática e específica. A aproximação de um sujeito com deficiências múltiplas perante um instrumento musical pode ter diferentes objetivos conforme o caso analisado. No contexto escolar, os instrumentos podem ser adaptados com a participação dos professores, pois mesmo que o musicoterapeuta tenha a técnica para adaptar os instrumentos, é o professor que convive a maior parte do tempo com o aluno e por isso, sabem quais as dificuldades e capacidades do aluno que podem ser mais bem aproveitadas para tocar um instrumento

Há um conjunto de benefícios que podem ser generalizáveis para a maioria das situações clínicas. Esses benefícios foram adaptados dos conceitos de Sears (1968) sendo descritos em três itens: oferecer uma atividade estruturada, proporcionar uma experiência de êxito e integrar o indivíduo socialmente.

Proporcionar uma atividade estruturada: um aluno com deficiência mental e deficiência auditiva teria poucos recursos materiais para utilizar numa sala de atendimento caso os instrumentos não fossem modificados para o seu uso. Ao escolher um piano, por exemplo, o musicoterapeuta precisaria estudar como o aluno iria usufruir do instrumento e de que maneira alguma atividade poderia ser planejada. O aluno pode sentar em cima das teclas do piano, sentindo as distintas vibrações conforme as diferentes regiões do instrumento, e dessa maneira ele criaria uma dinâmica com o musicoterapeuta onde mudaria os seus comportamentos conforme a região tocada no instrumento. Neste sentido, o indivíduo participaria de uma atividade estruturada de acordo com as distintas sonoridades produzidas. Esse exemplo ressalta a importância de engajar o indivíduo em um contexto (formado tanto pelo musicoterapeuta, pelos instrumentos, pelos sons, pela voz, pela música e pelo musicoterapeuta).

Proporcionar uma experiência de êxito: a auto-estima de um sujeito poderia ser elevada quando ele tocasse um instrumento de acordo com as suas capacidades. Um tambor poderia ser adaptado, por exemplo, para um indivíduo espástico com deficiência mental. A satisfação produzida por essa experiência de êxito influenciaria outras

atividades exercidas pelo indivíduo, servindo de motivação para superar outros desafios.

Integrar um indivíduo socialmente: nas situações de grupo onde pessoas com deficiências múltiplas interagem entre si, existe um receio e uma expectativa por parte dos alunos perante a possibilidade de participar de atividades conjuntas. Quando um aluno com deficiência visual e deficiência mental consegue tocar violão enquanto o terapeuta segura o instrumento, ele se sente inserido no grupo pois está colaborando com a sua parte dentro do todo da atividade.

Para promover e possibilitar os benefícios apresentados o musicoterapeuta necessita de um conhecimento sobre como funcionam os instrumentos e em que situação eles serão adaptados. Os instrumentos não poderão apresentar pontas ou partes afiadas que provoquem algum dano físico no aluno. Além disso, eles devem ser testados e utilizados entre os próprios musicoterapeutas para que se estude onde a adaptação pode ser melhorada e onde estão as suas falhas. Segundo Araujo (2007), os instrumentos musicais apresentam características distintas entre si e por isso eles são mais ou menos adequados conforme os diferentes tipos de motricidades. Ainda que os instrumentos possam ser adaptados às necessidades visuais, táteis e auditivas, o presente artigo desta essencialmente os aspectos relacionados à motricidade.

Araujo classifica os instrumentos em três grupos: instrumentos para motricidade ampla, instrumentos para motricidade fina e instrumentos para ambas as motricidades. O tambor e o pandeiro são instrumentos mais propícios para a motricidade ampla. Caso o aluno não toque esses dois instrumentos da maneira convencional, uma órtese com uma baqueta poderá ser adaptada ao pé ou a mão do aluno. O teclado e flauta trabalham essencialmente a motricidade fina. A flauta torna-se um instrumento adaptado quando o musicoterapeuta o auxilia para segurar o instrumento ou para posicionar os dedos do aluno na flauta. O violão por sua vez é o instrumento mais recomendado para trabalhar os dois tipos de motricidade. Isso ocorre visto que o violão exige movimentos amplos para tocar as cordas e movimentos precisos para encaixar os dedos nas cordas do violão. Devido à dificuldade de segurar o violão ou de alcançar as cordas, alguns alunos podem sentar no instrumento e aproximar as suas mãos para do corpo do violão.

Em relação às situações de uso de um instrumento adaptado, os procedimentos usados em grupo poderão ser diferentes do usados em alunos individuais. Quando o musicoterapeuta adapta um instrumento para um indivíduo perante um grupo, isso pode gerar expectativa nos outros componentes do grupo onde a mesma situação ocorrerá com eles. Caso o musicoterapeuta não divida essas adaptações com outros participantes, um sentimento de frustração poderá ser criando dentro do grupo. O mais indicado nessas situações é que o musicoterapeuta não trabalhe sozinho e tenha um co-terapeuta, porque dessa forma um maior número de alunos poderá ser auxiliado na execução dos instrumentos. E para que isso ocorra com sucesso, os grupos não poderão ter mais do que 6 participantes. No atendimento individual não se modificam as adaptações, mas, existe uma vantagem já que todas as metas e planejamentos estão centrados em apenas um sujeito.

#### 4 Considerações Finais

Assim como a população de alunos com deficiências múltiplas é diferenciada, a preparação do musicoterapeuta para atuar com esta clientela no contexto escolar deve proceder da mesma forma. A característica principal desse tipo de aluno é que ele necessita de um cuidado maior do que o atendimento de alunos alguns outros tipos de patologia. Da mesma forma, o treinamento desse profissional precisa de um cuidado mais elevado.

O caminho para estruturar uma clínica musicoterapêutica para alunos com deficiências múltiplas foi iniciado há mais de 40 anos, mas, há muito ainda para se fazer. Especialmente no contexto escolar, é possível dizer que este caminho ainda não está claro nem mesmo para os musicoterapeutas. Portanto, se para os musicoterapeutas isto não está evidente, possivelmente os profissionais de outras áreas isto acontece do mesmo modo.

#### REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gustavo. A Musicoterapia aplicada ao desenvolvimento da motricidade em pessoas com retardo mental. São Leopoldo: Instituto Superior de Música de São Leopoldo, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Estratégias e orientações pedagógicas para a educação de crianças com necessidades educacionais especiais: dificuldades acentuadas de aprendizagem, deficiência múltipla. Brasília: MEC / SEESP, 2002, pp.9-11.

BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CABRERA, Patricia. Caso J., Las herramientas del Musicoterapeuta en acción. Comunicação apresentada na Jornada Preparatória do I Congresso Argentino de Musicoterapia Clínica, Buenos Aires, 17 de julho, 2008.

GALLARDO, R. Teoría General de la Musicoterapia. Buenos Aires: Universidad Mainmónedes, 2007.

GASTON, E. Thayer et al. Tratado de Musicoterapia. Buenos Aires: Paidós, 1968.

GATTINO G.S. Musicoterapia para crianças com deficiências múltiplas: possibilidades na prática clínica. Comunicação apresentada no I Simpósio Internacional de Surdocegueira e Deficiências Múltiplas, São Paulo, 9 a 11 de outubro, 2008.

MICHEL, Donald & PINSON, Joseph. Music Therapy in principle and practice. Springfield: Charles C. Thomas, 2005.

OLIVEIRA, Queila de. Music Therapy and Pre-linguistic Communication with Deafblind People. In: FEDERACIÓN MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA (Org.), XII Congreso Mundial de Musicoterapia. Buenos Aires: Librería Akadia Editorial, 2008, pp. 85-88.

SEARS, William W. Los procedimientos en Musicoterapia. In: GASTON, E. Thayer et al. Tratado de Musicoterapia. Buenos Aires: Paidós, 1968, pp.30-46.